



# VOZ DA FÁTIMA

Com este número, a «Voz da Fátima» completa 52 anos de vida. É um jornalzinho pequeno no tamanho mas grande nos seus ideais: contribuir para que a Mensagem de Nossa Senhora na Fátima seja mais conhecida e vivida e ajude a humanidade a encontrar os caminhos da paz e da salvação. Vamos tentar dar-lhe mais interesse. Assim as contingências das coisas possam ser superadas. Vamos continuar. Com a bênção de Maria, nossa Mãe.

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar  
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336  
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO LIII N.º 625  
13 DE OUTUBRO DE 1974  
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

## Fátima, Santuário de Reconciliação

**ENCERRA-SE** hoje, 13 de Outubro de 1974, em Portugal, a primeira fase deste Ano Santo que o Papa Paulo VI — ou melhor, o Espírito Santo por meio dele — deseja se consagre inteiramente à renovação da Igreja, renovação que a há-de conduzir à reconciliação dos seus filhos entre si e com todos os seus irmãos.

Por vontade do Episcopado Português, o Ano Santo iniciou-se, entre nós, e encerra-se hoje, oficialmente, no Santuário de Fátima. Por mais abalada que ande a adesão de alguns de nós aos pastores que, em nome de Deus, se esforçam por nos indicar, com segurança, os caminhos da salvação, esta vontade dos nossos prelados não pode deixar de ter para nós um significado sério. Tanto mais que — e apesar de se ter abalado também, ou não ter nunca nascido, no coração de alguns cristãos, a fé na graça de Fátima — impressiona verificar que a Mensagem de Nossa Senhora se centraliza na reconciliação, que é um dos temas deste Ano Santo, reconciliação sem a qual é impossível haver paz. De paz nos falou a branca Senhora quando tão insistentemente — e tão estranhamente, diriam alguns — nos exortou a que rezássemos o terço todos os dias; a paz nos prometeu Ela também quando, ao revelar-nos que no nosso coração de pecadores iriam nascer os grandes males dos nossos tempos, nos pediu consagrássemos ao Seu Coração o nosso coração, e Lhe fizéssemos oferta de carinho especial, nos primeiros sábados de ao menos cinco meses seguidos. E não é também de paz que nos têm falado essas pombas tão numerosas e tão intrigantes que em tantos lados se anicham aos pés da Virgem Peregrina?

Não pode, pois, ter sido senão por um equívoco qualquer que Fátima se tornou sinal de contradição dentro de uma Igreja para quem a preocupação fundamental é a paz — e uma paz que o pode ser verdadeiramente se for dinâmica, activa, construtiva. Deve ter havido qualquer má interpretação para que alguns acusem Fátima de servir de refúgio aos católicos que por medo, cobardia ou interesse egoísta, se recusam a enfrentar os problemas do dia-a-dia. A graça de Fátima terá sido talvez deturpada, para que outros a denunciem como cidadela de anti-comunismo, estandarte de

uns tantos ricos que abafam em manifestações triunfalistas os rebates da sua consciência comprometida na opressão dos pobres — a quem dão ópio em lugar de pão.

Muitos pensarão — e alguma razão lhes há-de também assistir — que as últimas como as primeiras arremetidas contra Fátima só podem ter nascido no coração pervertido de Satan, sempre a postos para desviar, à nascença, as torrentes da graça que Deus se apraz fazer

jorrar nalguns lugares privilegiados. E outros dirão ainda que, incapaz de estancar ou desviar as fontes diárias de Fátima, o demónio se vai esforçando ao menos por inquiná-las, de modo que se torne energia dos que acorrem à Cova da Iria ou de qualquer modo buscam alento no amor à Senhora ali aparçada.

Em lugar de perdermos o nosso tempo em investigações demoradas,

e que podem ser estereis, procurando esquadriñar o que finalmente se tem passado para que os descrentes sempre vissem Fátima com maus olhos e alguns crentes se apostem ultimamente em denunciar-lhe os pecados a torto e a direito, melhor será que nós, aqueles — e somos muitos, graças a Deus! — para quem Fátima permanece ainda como fonte abundante de energias divinas, nos aprestemos, neste ano de reconciliação, a fazer da nossa parte tudo o que for possível para nos reconciliarmos com os nossos inimigos e os nossos detractores.

A preocupação do Santuário neste Ano Santo é a reconciliação. Que convirjam em Fátima todos os que andam separados por discórdias de qualquer género. Venham a Fátima, em pessoa, os cristãos que dizem mal da sua Igreja, ou simplesmente dizem mal de Fátima. E venham também a Fátima, no coração dos cristãos, os descrentes para quem a Cova da Iria só existe como lugar de fraude, de embuste ou de drogagem.

Mas que Fátima não seja, sobretudo, bandeira de cruzadas destruidoras. De Fátima não partirá ninguém disposto a aniquilar o seu irmão, antes pelo contrário, a reconciliar-se com ele para que, juntos, construam a paz. Deus sabe como é difícil reconciliarmo-nos com aqueles que se não querem reconciliar connosco. Mas Deus sabe também como há obstáculos graves à reconciliação que situamos no coração dos outros e que na realidade se situam no nosso próprio coração.

Nestes tempos, em que o clamor de vastas massas sobe desordenadamente aos écrans da televisão, numa expressão triunfante e dura que mete medo pelo que pode conter de violência, mas também de verdade, que a Senhora, nossa Mãe de Fátima, faça nascer, no coração de todos os peregrinos — de modo especial no coração dos ricos de bens materiais e dos «seguros» dos bens espirituais — um movimento corajoso de conversão, a fim de que, aplanados todos os obstáculos no coração dos cristãos, eles sejam, nesta Terra de Santa Maria, fermento poderoso de fraternidade, de reconciliação e de paz.

P. LUCIANO GUERRA  
REITOR DO SANTUÁRIO

## Encerramento do Ano Santo em Portugal

**Peregrinação Internacional de 12 e 13 de Outubro**

TEMA: A PAZ, FRUTO DA RECONCILIAÇÃO.

HORÁRIO DAS CERIMÓNIAS

DIA 12

Às 19 horas — Saudação a Nossa Senhora e aos irmãos das várias nações.

Às 22.30 h — Procissão das velas.

Às 23 horas — Celebração da Eucaristia.

DIA 13

Das 0 às 7 h — Velada eucarística.

Às 8 horas — Celebração do Rosário.

Às 10.30 h — Cortejo litúrgico da capelinha para o altar central com a imagem de Nossa Senhora.

Às 11 horas — Eucaristia, bênção dos doentes e adeus.

RECOMENDAÇÕES AOS PEREGRINOS

— Reconcilia-te com o teu irmão antes de partires para a Fátima.

— Tu que vais cumprir a tua promessa medita na advertência do Senhor: «Amar a Deus com todo o coração e amar o próximo como a si mesmo vale mais do que todos os holocaustos e sacrificios» (Lc. 12, 33).

— Fátima é peregrinação. Deixa os folguedos noutro lado. Sobe a serra em oração. Não lrigues a telefonia nos parques do Santuário.

TU QUE VAIS A PÉ:

- És peregrino: tens de levar Deus no coração!
- Deus é Amor: não forces a marcha dos mais fracos. Basta que chegues no dia 12.
- Calça meias de lã e muda-as todos os dias.
- Reza o rosário inteiro e visita o SS. <sup>mo</sup> pelo caminho.

ATENÇÃO, EXCURSIONISTAS!

- Na tarde do dia 12 e na manhã do dia 13, só haverá uma missa, para que a unidade dos peregrinos se manifeste melhor à volta da mesa do Senhor.

# O Terço salvou o Brasil

Em 1964 o Brasil encontrava-se à beira do comunismo. Escreve uma revista alemã:

«A comunização do Brasil estava iminente. Foi, porém, frustrada, graças ao terço. Eis como as coisas se passaram:

Toda a vida pública fora declaradamente orientada para o

comunismo pelas entidades oficiais, tanto na Política, como na Economia, como na Instrução. O pior que se pode imaginar! Os erros do marxismo chegaram a introduzir-se no clero... A ele cabe a responsabilidade de os comunistas terem tomado nas suas mãos a direcção dos movimentos católicos juvenis.

Mas o povo conservou-se são. E o povo sublevou-se e começou a rezar o terço. Primeiro, as mulheres simples e piedosas, sozinhas. Depois, os homens e a juventude...

Foi assim que o Brasil se salvou do comunismo, à última hora, graças à reza do terço».

Em Julho de 1964 veio à Fátima o Promotor das Congregações Marianas no Brasil, Padre Valério Alberton, para agradecer à Santíssima Virgem a libertação da sua Pátria. Eis o que ele disse: «Vencemos, graças a Nossa Senhora do Rosário. Foi a Mensagem da Fátima, vivida no Brasil, que nos libertou a tempo das garras comunistas.

Era muito grave a situação no meu país. Todos os sectores da actividade humana estavam minados. As posições-chave encontravam-se nas mãos de comunistas notórios ou pró-comunistas. Os sindicatos eram, na maioria, manobrados por eles.

Greves contínuas, algumas de carácter político, levavam a agitação a toda a parte. Tam-

bém as Universidades foram penetradas... Eu mesmo verifiquei a gravidade da situação porque viajei de Novembro (1963) a Março (1964), por todas as capitais do Brasil e estive em contacto com os meios universitários. Em meados de Março terminei a minha «volta» com esta conclusão: «É um facto que a Igreja perdeu o Mundo Universitário».

A penetração era profunda nas Faculdades católicas. Até nos nossos colégios descobrimos células comunistas. Nem as associações católicas escaparam.

Só restava uma esperança: a devoção à Santíssima Virgem...

Os apelos reiterados e instantes à oração e à penitência, segundo o espírito da Fátima, reavivaram a Fé que transporta montanhas, e o impossível aconteceu: o milagre duma guerra ganha sem uma gota de sangue, apesar de o Alto Comando contra-revolucionário prever pelo menos três meses de luta encarniçada.

A evidência da Graça era tal, que todos se convenceram, depois duma vitória tão espectacular e tão sem paralelo na história da Humanidade, de que ela não tem explicação humana. E, na verdade, os chefes militares e civis da contra-revolução foram quase unânimes em atribuir a vitória a uma graça especial da Santíssima Virgem, e muitos deles citam o Rosário como tendo

sido a arma decisiva».

As mulheres não ficaram atrás. Foram elas que levaram ao fracasso a revolução comunista de 1964, pela sua coragem e pela Fé e confiança, depositadas em Nossa Senhora. Foram elas e as crianças que distribuíram milhares de impressos com esta súplica: «Mãe de Deus, protegi-nos, defendei-nos do destino que nos ameaça e poupei-nos aos sofrimentos infligidos às mulheres martirizadas de Cuba, da Polónia, da Hungria e dos restantes países escravizados».

Atravessavam as ruas a rezar o terço e a entoar cânticos religiosos. Em 17 de Março de 1964 organizaram a «Marcha da Família pela Liberdade, com a ajuda de Deus».

Todas as semanas, o Cardeal do Rio de Janeiro alertava os católicos pedindo-lhes penitência, segundo o espírito da Fátima, para que Deus tivesse compaixão deles, por intercessão de Nossa Senhora.

No dia 20 de Março de 1964, sem guerra, sem luta, sem derramamento de sangue, o governo comunista foi substituído por um governo bom e cristão.

A situação de Portugal em 1974 não será semelhante à do Brasil em 1964? Mas, se como os brasileiros, nos voltarmos para Nossa Senhora, se rezarmos o terço, se cumprirmos a mensagem da Fátima, obteremos o mesmo resultado que eles.

P. Fernando Leite

## Do Evangelho à evangelização

A evangelização é tema que está na ordem do dia. O Sinodo dos Bispos, reunido em Roma de 27 de Setembro a 26 de Outubro próximo, debruça-se sobre «a evangelização do mundo contemporâneo». A preparação deste tema foi feita em todas as Igrejas locais. Recentemente, o P. Liégé, perito do Sinodo, dirigiu em Lisboa um curso de 4 dias para equipas de sacerdotes, religiosas e leigos das várias dioceses da Metrópole. O curso procurou dar resposta a esta interrogação: o que é a evangelização?

Muitos cristãos, disse, imaginam a evangelização à maneira de difusão de crenças religiosas, de propagação de ideias e de proselitismo que aumente os efectivos das comunidades cristãs. É uma concepção muito imperfeita, para não dizer errada, que pode ter certas raízes na teologia nocional do I Concílio do Vaticano (1870).

Concebia-se então a Revelação como conjunto de verdades sobrenaturais necessárias à salvação, que Deus deu a conhecer pelos profetas e por Jesus Cristo, e que hoje, à guarda da Igreja, são ensinadas pelos teólogos e divulgadas pelos catecismos. A fé aparece, nesta perspectiva, sobretudo como adesão a verdades reveladas propostas autoritadamente pelo magistério eclesial. Isto originou um empobrecimento da pastoral da fé, quase reduzido a um ensinamento doutrinário, com graves consequências para a vida da Igreja.

Tal concepção foi profundamente revista pelo II Concílio do Vaticano.

O Cristianismo — ao contrário das outras religiões — parte dum evangelho, ou melhor, do Evangelho por excelência, que é o facto maravilhoso e revolucionário da entrada definitiva e plena de Deus na história dos homens. A fé está na posse viva deste acontecimento, ou mais concretamente, na adesão total a Cristo que é o Deus que habita conosco, que morre por amor na Cruz, que ressuscita triunfante ao terceiro dia e, depois de voltar para o Pai, d'Ele nos envia o Espírito Santo.

Esta adesão de fé a Cristo, fruto da conversão operada pelo Espírito, implica um empenhamento total no Evangelho. E quem está de facto convencido de que o Evangelho é a fonte da vida plena e da verdadeira felicidade não pode conter a alegria e a necessidade incontível de partilhar com os outros a fé possuída. A evangelização surge então, espontaneamente, do Evangelho.

Evangelizar assim, à maneira dos primeiros cristãos, é muito diferente de ministrar um ensinamento doutrinário a grupos de crianças que, por dever, se sujeitam às nossas pregações e catequeses.

O grande problema pastoral hoje posto nos países de velha cristandade é reduzir o fosso entre as massas de baptizados e os reduzidos núcleos de cristãos de fé viva. Ou, por outras palavras, é conseguir que as nossas comunidades de baptizados que nada fizeram para o ser e aceitam mais ou menos de boa mente continuar a sê-lo, se tornem efectivamente comunidades de cristãos-voluntários, cheios de alegria e dinamismo apostólico, capazes de espantarem o mundo e de o interpelarem fortemente por uma vivência do Evangelho tornada evangelização.

M. F.

## TAIZÉ — O Concílio dos Jovens

Taizé. Foi há 34 anos, em plena guerra, que esta pequena aldeia da Borgonha, perto do célebre mosteiro de Cluny, entrou na história da espiritualidade cristã e do movimento ecuménico. No dia 20 de Agosto, Roger Schutz, filho dum pastor protestante francês, aí se instalava, para se dar à humanitária tarefa de acolher refugiados. Educado no protestantismo, desde pequeno se sentiu atraído por muitos aspectos do catolicismo, como a sua liturgia e a vida monástica.

Quando da ocupação alemã, teve de se refugiar na Suíça. Aí, em Genebra, conheceu aqueles que iriam iniciar com ele uma nova experiência de vida religiosa, inspirada pelos monges católicos, uma experiência de oração, estudo, trabalho e serviço do próximo, em comunidade de consagrados. Instalaram-se em Taizé no ano de 1944. Um ideal, partilhado por todos, animava o fundador, o ideal ecuménico da unidade de todos os cristãos — católicos, protestantes, ortodoxos — na única Igreja de Cristo. Sinal e instrumento da vocação ecuménica desta

comunidade é a igreja da Reconciliação, inaugurada em Agosto de 1964.

Estava-se neste ano em pleno Concílio Ecuménico. Convidados por João XXIII, o Irmão Roger e outro irmão, Max Thurian, nele participaram como observadores. Puderam assim conhecer bispos de todo o mundo. Tais relações contribuíram para Taizé se tornar mundialmente conhecida e frequentada. O clima espiritual, favorecido pelo ambiente de paz e beleza naturais, em breve era procurado por legiões de pessoas desejosas de silêncio, recolhimento, compreensão e amor fraterno.

Foi a partir de 1965 que os jovens descobriram Taizé. Ficaram conquistados pela harmonia, simplicidade e pobreza que ali se vivem. E voltaram uma e mais vezes, trazendo outros. Na Páscoa deste ano juntaram-se 19.000. De todo o mundo.

O primeiro encontro internacional foi organizado pelo Irmão Roger em 1966. Seguiram-se outros, todos os anos.

Em 1970 surgiu a ideia do «Concílio dos Jovens». A «boa nova»

foi anunciada no encontro da Páscoa. Desde então, milhares de jovens começaram a viver a «aventura subterrânea» da sua preparação, orientados pela «Carta de Taizé» e pela revista «Communio». Em 1972 fixou-se a data da abertura. Esta realizou-se no dia 30 de Agosto.

Qual o objectivo do «Concílio dos Jovens»? Promover o rejuvenescimento do Povo de Deus, para que se entregue plenamente à luta e à contemplação — do povo que celebra Cristo ressuscitado, que é Igreja pobre e desprovida dos meios de poder, que é lugar de comunhão para todos.

À maneira jovem, sem formalismos, sem grandes programas, num clima de espontaneidade e de camaradagem, o Concílio começou. Não se sabe quando terminará. Continuará enquanto der aos jovens aquele impulso de consciencialização e de renovação que o inspirou.

O Concílio dos Jovens é um belo sinal da vitalidade duma Igreja — a Igreja de Cristo — velha de dois mil anos.

# Carta Pastoral do Episcopado Português (Continuação)

## b) Fazer a crítica dos acontecimentos

13. A perspectiva histórica ajuda-nos, como dissemos, a relativizar os acontecimentos e a detectar os dinamismos profundos que tendem a orientá-los em determinadas direcções. Mas não dispensa a observação crítica dos factos, que, além dos valores que neles descobre, permite igualmente detectar, na sua força evolutiva, dinamismos, porventura novos, que podem mudar o curso à história. E estamos em tempos de grandes viragens. Além disso, são os sucessos quotidianos que mais despertam as atenções de todos. Razões de sobra, portanto, para não nos dispensarmos de os apreciar.

## CLAROS E ESCUROS

14. Em primeiro lugar, não há dúvida de que o movimento de 25 de Abril se fez sob o signo da libertação. Operou uma revolução sem derramamento de sangue, proclamou o acesso às lideranças cívicas, reintegrou na comunidade presos e exilados políticos, despertou novas esperanças em largos sectores deprimidos da população, desarmou o ostracismo a que grande parte do mundo nos votava; e, para além destes factos, fez a promessa de um Portugal novo, a ser construído sobre alicerces democráticos por todos os portugueses. Ora há em tudo isto valores evangélicos, com os quais ninguém deixará de se congratular.

15. Mas nem tudo é luz neste panorama. A sombreá-lo não faltam abusos da liberdade, oportunismos, demagogia, vinganças ou mesmo perseguições; nem manchas a escurecer domínios tão importantes como os da informação, das relações de trabalho ou da vida escolar. Continuam a chegar-nos lamentos e protestos de presos por julgar, de vítimas de «saneamentos» arbitrários, de pessoas e até de sectores da população que denunciam ou temem ultrajes aos seus direitos; e são do conhecimento geral desmandos de grupos extremistas. A par da justa alegria, vive-se também, no Portugal de hoje, a experiência de perplexidade e da insegurança.

Não queremos, contudo, sobrevalorizar estes aspectos sombrios, pois em parte resultam do condicionalismo próprio da fase transitória da mutação social em que nos encontramos. À turvação que a caracteriza, confiamos que sucederá o tempo clarificador da sedimentação das ideias e dos valores. E esperamos que os melhores fiquem ao de cima.

## PROBLEMAS GRAVES NESTA HORA

16. Além daquilo que de bom a revolução de Abril nos trouxe e também dos males que sempre acompanham a iniciação na liberdade, não podemos esquecer os graves problemas que o País defronta no momento que passa. Basta enumerar os principais para se ficar com uma ideia da sua natureza e magnitude: o destino do Ultramar, a reestruturação política do País, e a ameaça de crise económico-social.

O peso das suas consequências, como a responsabilidade da sua solução, recaem não apenas sobre os governantes, mas sobre a Nação inteira. Cada um dos portugueses, com realismo, clarividência, bom senso, coragem e generosidade, deve entrar com a sua quota parte na tarefa ingente de enfrentar e resolver problemas tamanhos.

Sobre o problema ultramarino, já dissemos atrás uma palavra. Sobre os outros dois, faremos a seguir algumas considerações.

## A REESTRUTURAÇÃO POLÍTICA DO PAÍS

17. A reestruturação política do País deve entender-se num sentido muito amplo. Não está em jogo apenas a forma de governo. Trata-se de reconstruir a vida política, social, económica e cultural portuguesa segundo modelos novos, que devem, no entanto, fugir à sedução de figurinos estranhos à nossa realidade. Preconiza-se a via democrática para o fazer, e não julgamos que outra deva ser seguida, se por ela entendermos, como adiante propomos, aquela que dá a cada cidadão a oportunidade real de tomar parte activa e responsável na escolha e realização do género de sociedade que pretende.

18. Todavia, num sã realismo, importa atentar no grau de praticabilidade dos processos desta via. Numa população de fraca iniciação política e sem experiência de democracia, os grupos minoritários, desde que bem treinados na luta pelo poder, facilmente o alcançam, se não encontrarem contendores à altura; e, em nome do povo, da democracia ou da liberdade, acabam por impor soluções que a maioria não deseja.

Não faltam já exemplos de assaltos destes a autarquias locais, a empresas públicas e privadas, a órgãos de informação, a estabelecimentos de ensino, a organismos sindicais, etc.. Criam-se desta forma situações de facto, irregulares e mesmo ilegais, que, num regime normal, respeitador do Direito, os poderes públicos têm o dever de impedir ou sanar.

A sua intervenção, porém, não dispensa o esforço urgente de formação democrática do nosso povo, que aliás comporta os riscos duma iniciação experimental como a que se está a verificar.

## A AMEAÇA DE CRISE ECONÓMICO-SOCIAL

19. O terceiro magno problema que o País enfrenta nesta hora é a ameaça de crise económico-social. Sem entrarmos em pormenores técnicos, que não são da nossa competência, julgamos convenientes uma breve referência a fenómenos a todos patentes, que atingem duramente não poucas pessoas, sobretudo das classes economicamente mais débeis do mundo rural e do mundo operário.

O relativo desenvolvimento da economia nacional nos últimos anos não beneficiou proporcionalmente as camadas menos favorecidas da população, que se mantiveram numa situação de inferioridade injusta, agravada ainda pela inflação galopante. Consequências, entre outras, temos o agravamento das tensões sociais, o êxodo rural e a emigração em massa. Os contactos pastorais com os emigrantes portugueses espalhados pelo mundo permitem-nos testemunhar como, de mistura com as alegrias duma certa promoção, sobretudo económica, a emigração proporciona amargas desilusões, sofrimentos e tragédias.

20. Às dificuldades económicas anteriores, vieram juntar-se outras, com origem na situação presente. O clima de efervescência ao princípio referido, o surto de reivindicações e conflitos nas empresas, a intensa actividade sindical, com reuniões quase permanentes, tudo isto, se conseguiu obter para alguns sectores do trabalho a satisfação de direitos ou vantagens reclamadas, originou uma quebra da produção nacional, da qual depende fundamentalmente a riqueza do País.

Por outro lado, a estagnação ou a falência de empresas, ocasionadas por conflitos e reivindicações laborais ou por dificuldades financeiras, começaram a provocar um surto de desemprego, que poderá agravar-se no caso de regresso significativo de emigrantes, colonos ultramarinos e militares licenciados.

Finalmente, um clima de insegurança está a originar perigosa paragem no desenvolvimento económico do País, pela retracção dos investimentos nacionais e estrangeiros e das entradas de divisas dos emigrantes e turistas.

(CONTINUA)

## Notícias do Santuário

AGOSTO

### CURSO DE TEOLOGIA

O Instituto de São Tomás de Aquino da Ordem Dominicana organizou no seu convento na Fátima um curso de Teologia.

Estes cursos foram iniciados há cinco anos, durante o Verão, e são frequentados por pessoas de várias camadas sociais e de vários estados e idades.

Dirigiu o curso deste ano Frei Bento Domingues e foram professores Frei Mateus Peres, Frei Luís França, Frei José Augusto, Frei Francolino Gonçalves, Frei Horácio Araújo e Frei Bernardo Domingues, todos da Ordem Dominicana.

### CONSELHO NACIONAL DA LAC/F

Mais de 60 dirigentes nacionais e gerais tomaram parte no Conselho Nacional da Liga Agrária Católica que,

há anos, se realiza no Santuário. Além do assistente nacional, P. Manuel Fernandes Vieira, estiveram presentes dirigentes e assistentes das dioceses de Lisboa, Aveiro, Braga, Coimbra, Guarda, Lamego, Leiria, Portalegre, Viseu, Évora, Funchal e Cabo Verde.

Foram apreciados os relatórios das várias actividades e debatidos o programa da orientação da Acção Católica nos meios rurais do país, durante o próximo ano.

### RETIROS ESPIRITUAIS

Durante duas semanas passaram pelas Casas dos Retiros para cima de 400 pessoas de várias camadas sociais e de muitos pontos do país. A LIAM, a União Missionária Franciscana e os movimentos de colaboração sacerdotal organizaram estes retiros que foram orientados por sacerdotes de Lisboa, da Congregação do Espírito Santo e da Congregação Franciscana. — S. I. S.

## Serviço Nacional de Doentes

Todos somos cireneus. Quando forçaram o Cireneu a tomar a santa cruz, pareceu-lhe humilhação e castigo imerecido. Todavia, já cristão e mais ainda no Céu, pôde entender que foi predilecção e privilégio divino. Todos nós somos chamados a igual honra e distinção, e talvez o não tenhamos compreendido até hoje.

Dá-nos Jesus, como ao Cireneu, a cruz banhada no Seu sangue, santificada com o Seu abraço amoroso, enriquecida com os Seus méritos.

Não há alma sem cruz. A doença, todo o sacrifício físico e moral, que nos enchem a vida, são a nossa cruz.

Foi com a cruz que todos os santos subiram ao Calvário. O sofrimento com-

preendido à luz da Fé eleva e engrandece as almas.

Quando a graça inflama os corações, desperta neles uma verdadeira vontade de sofrer.

O sofrimento é bom para aquele que o aceita com generoso coração.

Um jovem de 23 anos, imobilizado há 6, dizia há pouco: Que feliz serel, se passar o resto da minha vida numa cadeira de rodas, e desta para a cama.

Se trouxermos constantemente Deus em nosso coração, tudo sofremos, e tudo venceremos.

MARIA DE NORONHA E LORENA

# O papel da Igreja no actual momento da vida portuguesa

«Fomentar uma profissão esclarecida e corajosa da fé, que se reflecta nas estruturas e na vida da comunidade», tal é o papel que Paulo VI assinala à Igreja em Portugal no presente momento da vida da Nação.

É isto o que se depreende duma leitura atenta das palavras do Papa proferidas por ocasião da entrega de credenciais do novo embaixador português junto da Santa Sé, Dr. José Calvet de Magalhães, em cerimónia ocorrida no passado dia 20 de Agosto.

O Papa falou em português. Eis o texto do seu discurso, do qual

apenas suprimimos a saudação inicial e os votos finais.

## RECORDAÇÕES DE PORTUGAL

«As palavras de Vossa Excelência transportam-Nos, em espírito, ao seu querido País, que já tivemos o prazer de visitar, aquando da Nossa peregrinação à Fátima. Elas avivaram no Nosso coração os sentimentos de benevolência que nutrimos para com o dilecto Povo português, cuja história é repositório de feitos valorosos, humana e religiosamente considerados, e de um património cultural bem marcado

pela presença da Igreja, aceite e correspondida com fidelidade.

O seu nobre País atrai sobre si, no presente, as atenções do mundo, assim como a Nossa solicitude viva e paterna; e com boas esperanças se acompanha este particular momento histórico, que ele está a viver. Que desejamos para Portugal, do coração, toda a sorte de bens e venturas, é supérfluo reafirmá-lo.

## UM DUPLO VOTO

Duas coisas, no entanto, auspiciamos em particular para o querido Povo português, que o façam prosseguir na senda histórica que levantou alto o seu nome no concerto dos outros povos e que o façam superar, da melhor maneira, momentâneos problemas: uma fraternidade vivida — fundada na liberdade, equidade, respeito, generosidade e amor — entre os seus membros e para com os demais homens irmãos; depois, uma paz segura e serena, que faculte o concorde labor e a constante aplicação da inteira grei, pelo crescente progresso colectivo e por um bem-estar irremediavelmente repartido e cultivado por todos e cada um, em boa harmonia.

## O CONTRIBUTO DA IGREJA

Para esta convivência fraterna, capaz de eliminar quaisquer ressentimentos e desentendimentos e de levar à compreensão, ao perdão e à reconciliação — para, numa atitude construtiva, se prosseguir a promover a solidariedade operante e a justiça — pode a Igreja dar uma ajuda preciosa.

E aqui vai um Nosso pensamento de simpatia e de estímulo naturalmente para os católicos de Portugal e para os seus Bispos: para que continuem a fomentar uma profissão esclarecida e corajosa da fé, que se reflecta nas estruturas e na vida da comunidade.

A Igreja, de facto, inculcando nas consciências nobres e elevados ideais, no seu papel de servir, sincera e desinteressadamente, ao evangelizar e ao distribuir os bens divinos — de que é beneficiária, depositária e ministra — espalha uma luz e confere energias morais que contribuem para estabelecer e consolidar, segundo a lei divina, a comunidade humana.

Tal comunidade, como é sabido, assenta no respeito pela vida e pelos direitos fundamentais da pessoa humana; e esta, com a liberdade, há-de dispor dos bens espirituais e materiais indispensáveis para a própria realização integral, com participação responsável e capacidade de opção e de decisão nos destinos da colectividade.

## REFERÊNCIA AO ULTRAMAR

Seguimos, com vivo interesse, as iniciativas referentes aos territórios do Ultramar; e acompanhamo-las com votos paternos por que, mediante acordos assentes na boa vontade, se possam garantir em tais regiões seguras condições de justiça, de paz e de progresso.»

## Peregrinação de Setembro

Reuniram-se na peregrinação de 12 e 13 de Setembro muitas dezenas de milhar de peregrinos do Norte e do Sul do país e alguns milhares procedentes de vários países, sobretudo da Alemanha. Mais de 1.000 peregrinos chegaram à Fátima no dia 11. O grupo de 350 pessoas formando a primeira peregrinação diocesana de Augsburg era encabeçado pelo bispo desta diocese que presidiu à celebração de 30 sacerdotes na noite do dia 12, a seguir à procissão das velas. Além dos peregrinos alemães, estiveram peregrinos da França, Áustria, Canadá, América do Norte, Inglaterra, Espanha e Bélgica.

As cerimónias oficiais principiaram às 19 h, com uma saudação aos peregrinos na capela das aparições.

Às 22.30 efectuou-se a procissão das velas com a imagem de Nossa Senhora que saiu da capelinha aos ombros de servitas e percorreu o recinto. A multidão seguiu em cortejo rezando e cantando e escutando religiosamente as leituras bíblicas feitas por vários sacerdotes.

Depois da procissão das velas,

foi a concelebração. Fez a homilia sobre a «autenticidade do cristão — cristão renovado é cristão autêntico», o P. Celestino Ramos, pároco de Santo Tirso. Comungaram nesta Eucaristia 7.000 peregrinos.

Durante a noite efectuou-se a velada eucarística num dos altares da colunata.

Na manhã do dia 13, realizou-se a celebração do Rosário com leituras de trechos bíblicos e a recitação dos mistérios do terço.

Pelas 10.30 h, formou-se o cortejo litúrgico com a imagem de Nossa Senhora. Tomaram parte neste cortejo 84 sacerdotes paramentados. Presidiu o sr. D. Manuel Franco Falcão, bispo de Telepte e membro da Comissão Episcopal do Ano Santo, em representação do sr. bispo de Leiria ausente por doença. A imagem foi conduzida no andor para junto do altar da escadaria da Basílica onde se efectuou a concelebração eucarística em que participou também o sr. bispo de Augsburg.

Os cânticos foram entoados em latim, e a oração universal foi em português, francês, inglês, alemão, italiano e espanhol.

O P. Celestino Ramos voltou a dirigir-se aos peregrinos sobre o texto do evangelho «quem não renascer de novo não pode entrar no Reino dos Céus», terminando por um apelo à renovação dos homens, da Igreja e da Humanidade, por intermédio de Maria, Mãe da Igreja, a fim de se obter a tão suspirada paz para o mundo.

Comungaram nesta Eucaristia para cima de 10 mil peregrinos, e, no fim, o sr. bispo de Augsburg deu a bênção do Santíssimo Sacramento a 109 enfermos e a todo o povo.

As cerimónias terminaram com palavras de exortação pelos srs. bispos de Telepte e de Augsburg e por vários sacerdotes para os peregrinos de línguas estrangeiras, a que se seguiu a procissão do adeus com a imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições.

## É PRECISO REZAR

Filhos e Irmãos caríssimos, é preciso rezar, rezar mais, rezar melhor, com humildade e confiança.

Ouçamos, por entre o tumulto das nossas vicissitudes presentes, a límpida voz do Senhor Jesus: «Pedi e ser-vos-á dado... E quem de entre vós, sendo pai, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra?... Muito mais o Pai do Céu dará o Espírito bom àqueles que lho pedirem».

Peçamo-lo assim, com grande humildade e confiança, em companhia de Nossa Senhora que tudo pode sublimar e tudo pode obter.

1-9-74

PAULO VI

## MENSAGEM DE PAULO VI PARA O DIA DAS MISSÕES

Com data de 29 de Junho, dia de S. Pedro, foi tornada pública a costumada mensagem do Papa Paulo VI para o próximo Dia Mundial das Missões, que este ano se celebra em todo o mundo católico no domingo 20 de Outubro.

O Papa começa por estabelecer uma correlação íntima entre os objectivos do Ano Santo — a renovação interior e a reconciliação com Deus e os irmãos — e a obra missionária da Igreja. A prossecução desses objectivos é condição primordial para que a Igreja e os cristãos se tornem cada vez mais capazes de anunciarem o Evangelho de Cristo a todos os homens, pela palavra e pelo testemunho de vida. Por sua vez, o fruto da evangelização leva à reconciliação e promove a

verdadeira renovação das pessoas e instituições.

Como nota significativa desta mensagem, podemos encontrar o apelo para que a Igreja promova os sinais de evangelização mais adequados ao mundo de hoje. Entre estes sinais, toma particular relevo a atenção que a Igreja deve prestar aos problemas concretos de cada povo, às suas necessidades e aspirações profundas.

O Papa termina com novo apelo em favor do desenvolvimento das Obras Missionárias Pontificias, que hoje se encontram, não só ao serviço da Igreja Universal, mas também de cada Igreja particular, na promoção do espírito missionário dos fiéis e na organização da ajuda material e espiritual às Missões.